

O Boxe na Educação Infantil

Professor: Wellington

Na rede de ensino Pueri Domus, a proposta de um currículo culturalmente orientado para a Educação Física começou a ser discutida bem antes da sua entrada em ação. No final de 2016, antecipamos uma conversa com as coordenadoras da escola sobre a nova forma de intervenção para as aulas de *Corpo e Movimento*, nome do componente na instituição.

As coordenadoras desconheciam a forma de intervenção, mas deram a oportunidade de experimentar na prática. De início tiveram algumas dúvidas do tipo: Vamos continuar com as brincadeiras? E eu disse que sim, mas que a brincadeira seria então estudada pelas crianças de maneira mais aprofundada, pois entendia-se a brincadeira na escola como a única forma de conceber uma prática para a Educação Infantil, sendo que há outras alternativas

Explicamos que tal proposta é estudada e experimentada desde 2004 pelos professores e professoras do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da FEUSP (GPEF) e que o contato e aprofundamento nos estudos da área fez surgir o interesse de realizar uma experiência com todas as turmas da Educação Infantil, ou seja, nas quatro unidades, localizadas nos bairros do Itaim, Aclimação e Chácara Santo Antônio, de São Paulo, e Aldeia da Serra, em Barueri.

Este relato de prática foi desenvolvido na unidade Pueri Domus Aldeia, com uma turma do Infantil II. A escola conta com um amplo espaço com quatro quadras, sendo duas internas e duas externas, além de um bosque com materiais e brinquedos. Também possui um parque chamado de “pedrinhas”, um espaço amplo entre os prédios do Ensino Fundamental I e II.

Costumamos receber as crianças nas primeiras semanas com muito entusiasmo e animação. De início, sempre fazemos algumas brincadeiras conhecidas do ano anterior e atividades livres com diversos materiais como forma de acolhimento. Algumas crianças chegavam já perguntando “se ia ter pega pega”, brincadeira bastante explorada no ano anterior com objetivos pedagógicos específicos¹. Hoje entendendo que a brincadeira possui um fim em si mesmo, mas no ano anterior sempre o fazia com objetivos pedagógicos, principalmente influenciados pela psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem.

Nas três seguintes realizamos atividades mapeamento com o objetivo identificar quais manifestações corporais as crianças conhecem, quais estão tendo acesso fora da escola e quais os olhares que essas crianças têm para certas práticas. Ao sentarmos com as

¹ Influenciado principalmente pela vertente Psicomotora, que concebe o Movimento como objeto de intervenção na Educação Física e propõe a chamada “Educação pelo Movimento”.

crianças e perguntar sobre as práticas, era comum ouvir muitos nomes de várias lutas, como judô, karatê, muay tai, esportes como futebol, basquete e voleibol.

“Mapear significa identificar quais manifestações corporais estão disponíveis aos alunos, bem como aquelas que, mesmo não compondo suas vivências, encontram-se no entorno da escola ou do universo cultural mais amplo”. (NEIRA, 2011, p. 106)

Nesses momentos as crianças não entendiam muito o porquê estávamos sentados e a todo o momento perguntavam quando iríamos brincar. Explicamos que para podermos “brincar”, primeiro precisaríamos saber do que eles “brincavam” dentro e fora da escola para decidir juntos o que estudar.



Também explicamos o que é estudar e dissemos às crianças que estudar, na “aula do Wellington”, é conhecer melhor uma das práticas corporais, ou seja, as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas.

As atividades de mapeamento incluíram o envio de um bilhete para os pais:



Srs. Pais,

Por favor, enviar para a escola uma pequena lista por escrito dos esportes, brincadeiras, danças e ginásticas que vocês praticavam na infância, e aquelas práticas que hoje têm acesso com seus filhos. Este ano também vamos vivenciá-las nas aulas de Corpo e Movimento.

Muito obrigado,

Wellington.

Os pais responderam através de bilhetes contendo listas de práticas corporais variadas, como judô, futebol, pega-pega, esconde-esconde e jazz.

Também conversamos com a turma para identificar o que conhecem. Surgiram brincadeiras como pega-pega e video-game, lutas como judô, boxe e karatê, esportes como o *rally de* bicicleta, futebol, atividades como andar de esteira, e danças como ballet. Sobre a esteira, descobri depois que perto da escola há uma academia de ginástica frequentada por alguns familiares.

Ao analisar as conversas e as listas que os pais preencheram decidimos selecionar a luta, por se tratar de uma prática incomum na Educação Infantil, exceção feita ao judô que, por se tratar de uma prática hegemônica, além de oferecida pela escola no contraturno, também fora mencionada pelos familiares.

Ancorando-nos no princípio da justiça curricular que, segundo Neira e Nunes (2009), trata-se da distribuição equilibrada das diversas manifestações da cultura corporal baseado no seu grupo social de origem, valorizando aquele patrimônio cultural tradicionalmente excluído. Desta maneira é possível se atentar ao modo com o currículo privilegia certos conhecimentos, certas identidades, certas vozes e certos discursos em detrimento de outros, ou seja, como as crianças vão sendo subjetivadas como sujeitos que apenas brincam e se divertem, e não como sujeitos que pensam e analisam criticamente as manifestações da cultura corporal de acordo com suas vivências e experiências de vida. Assim o boxe foi escolhido para ser estudado de forma mais ampla e aprofundada durante o período letivo.

Considerando que mapear também significa levantar os conhecimentos que os alunos têm sobre uma determinada prática (NEIRA, 2011), seguimos dialogando com as crianças sobre o que elas conheciam do boxe. Muitos disseram que boxe é “luta” “ataque”, “opponente”, “é assim ó..”, demonstrou José² enquanto dava alguns socos no

² Procuramos usar nomes fictícios para preservar a identidade dos alunos.

ar. Essa conversa permitiu reconhecer os seus saberes sobre a prática corporal objeto de estudo.

Levando em consideração esse patrimônio e pensando em atividades de ensino que oportunizassem a vivência do que eles conheciam, propusemos as brincadeiras pega-pega boxe e também o “soco-soco”, onde as crianças se agruparam em trios e enquanto dois seguravam o colchonete, uma socava, revezando as funções. As crianças socavam o colchonete e depois trocavam para que as colegas pudessem fazer o mesmo.



Elas criaram novas maneiras de socar tomando distância, com as duas mãos, empurrando e socando de forma forte e fraca. Conversamos também que não seria possível golpear a colega, pois isso resultaria em muitos machucados. As crianças disseram que o boxe é isso mesmo, é “machucar”, é “dodói” e também é “quebrar tudo”.

Entendemos que essa representação³ devido as relações de poder que consideram somente algumas práticas de luta legítimas, fazendo do boxe uma luta ilegítima e desorganizada, por isso o “quebrar tudo”. E que era uma luta “violenta”.

Partindo destas falas dos alunos, começamos a desenvolver atividades de aprofundamento e ampliação.

Nas semanas seguintes, pensando em promover o acesso a um conhecimento mais aprofundado da modalidade, por exemplo, como ela é organizada, perguntamos o que era ringue de luta e algumas crianças disseram que era “subir lá em cima”, “borracha”, “subir pra lutar”, e então estimulamos as crianças a construírem os próprios “ringues de

³ Usamos a ideia de representação do pós-estruturalismo citada por Santos (2016), para quem a representação não é compreendida como a produção da dimensão interna do pensamento, da consciência humana, do interior da mente. Ela é concebida como um processo de significação, inserido em um sistema linguístico e cultural intimamente ligado as relações de poder.

luta” com os materiais disponíveis na escola. Foi interessante observar a ressignificação desse espaço.



Vale destacar que enquanto algumas crianças construía o ringue, outras brincavam de pega-pega boxe na outra quadra, provando que é possível, a depender das condições, diferenciar a forma de participação nas aulas.

Fizemos também pequenas lutas e após uma conversa sobre o que era “treino”, as crianças disseram que “é se preparar para a luta e aprender”. Experimentamos um tipo de treino construído pelas crianças, onde em duplas e com um colchonete nas mãos, elas treinaram alguns golpes do boxe. Os socos eram leves para não machucar o amigo.



Percebemos que os gestos eram desorganizados e com variação de força, então resolvemos apresentar alguns dos golpes do Boxe: o jab, direto, cruzado e o gancho.

Nas últimas aulas do semestre, fomos à sala de vídeo onde a turma assistiu vídeos selecionados previamente de preparações para a luta, já que estava em pauta a discussão do treinamento e do que precisaria para a prática. Um menino disse que tinha uma luva de boxe em casa. Assistimos a vídeos sobre como colocar as luvas de boxe e as bandagens, aprofundando os olhares sobre a luta. Algumas crianças não sabiam sobre a bandagem e disseram “é pra proteger”; “é pra não doer”. Após essa atividade fomos para a quadra confeccionando nossas luvas e bandagens.



Também fizemos uma vivência com os pais sobre a modalidade estudada. Foi uma oportunidade de explicar aos pais como o trabalho estava sendo desenvolvido. Era possível ver como os pais estavam curiosos para saber o que estava acontecendo nas aulas de educação física, pois afinal, estavam acostumados a verem apenas um universo de muitas brincadeiras. Esta é uma oportunidade de conscientizar as famílias de que a educação física na escola pode ser desenvolvida para além das brincadeiras, valorizando as demais práticas corporais.



Finalizamos o semestre realizando simulações da luta. As crianças construíram o ringue com seu tamanho e característica, as redes de voleibol foram as “borrachas do cercado” e as luvas foram as faixinhas que em aulas anteriores haviam enrolado para ser a bandagem.

As lutas aconteceram e vimos que as crianças empregaram as técnicas que vivenciaram nas aulas, principalmente a guarda. Em determinado momento, pedimos para que um menino lutasse com alguma menina. Ele constatou que a força que utilizou foi bem grande, a ponto da menina dizer que o João bateu muito forte. Então conversamos com as crianças sobre o bater tão forte, e um menino disse que não precisava, e que podemos bater devagar.

Entendo que neste momento as crianças começaram a pensar como é possível atribuir um novo sentido a prática, ou seja, não é mais preciso “quebrar tudo” como eles diziam no início. A avaliação foi feita por meio de registros em foto, vídeo e conversa com os alunos, que nos permitiu identificar que as crianças atribuíram um novo sentido a prática corporal estudada, compreendendo a possibilidade de realizar na escola para além das muitas brincadeiras que eles faziam. Muitos deles estavam lutando nas aulas quando dizíamos que era boxe, combinando suas próprias regras e ambientes de luta. Alguns disseram “estamos lutando assim, com essa regra”, “nós combinamos que não pode bater forte”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. O currículo e a pedagogia pós-crítica da Educação Física: agindo para transformar. In: Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.

SANTOS, I. L.; NEIRA, M. G. A tematização no ensino da Educação Física. In: In: NEIRA, M. G. Educação Física cultural. São Paulo: Blucher, 2016.

NEIRA, M. G. Educação Física. São Paulo: Blucher, 2011. (Coleção: A reflexão e a prática no ensino; vol. 8).